

## A POÉTICA PRESCRITIVA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

ZANOTTI, Luiz Roberto <sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo analisa os conceitos apresentados na arte poética de Carlos Drummond de Andrade, presentes nas poesias “Consideração do Poema” e “Procura da Poesia” (1945), a fim de mostrar sua relevância na função que esta arte poética cumpre no contexto do Modernismo brasileiro. Drummond possui a firme convicção de prescrever regras em suas poéticas, apesar de elas também possuírem elementos descritivos e, igualmente, a convicção de que, se o método é de suma importância, não existe poesia sem o dom.

**PALAVRAS-CHAVE:** Longino, Drummond, Arte poética prescritiva, Modernismo Brasileiro

**ABSTRACT:** This article analyses the concepts presented in the classic poetic art of Carlos Drummond de Andrade, presents at the poetry “Consideração do Poema” and “Procura da poesia” (1945), in order to show his relevance in the function that this poetic art carries out in the context of the Brazilian Modernism. Drummond has the firm conviction of prescribing rules in his poetics, in spite of them also have descriptive elements and, equally, the conviction of which, if the method (technique) is of abridgement importance, there is not poetry without the gift (inspiration)

**KEY WORDS:** Longino, Drummond, Prescriptive poetic art, Brazilian Modernism

### INTRODUÇÃO

Neste ensaio, a proposta é mostrar a arte poética escrita por Carlos Drummond de Andrade, através de fragmentos dos poemas “Consideração do poema” e “Procura da poesia”, publicados no livro *A rosa do povo* (1945), em suas características prescritivas, pois nelas, o poeta mineiro apresenta com clareza a importância da mediação pelo poeta entre o método (caráter formal de uma criação artística) e o dom (uma capacidade inata) para que se produza uma obra de arte.

O termo “poética” vem sendo usado pelas mais diversas áreas do conhecimento humano com um significado que não vai muito além de “teoria”. Porém, no

decorrer deste ensaio, o termo será focado como uma teoria geral de poesia que define a poesia, suas várias ramificações e subdivisões, formas e recursos técnicos, discutindo os princípios que a regem e a distinguem de outras atividades criativas. Dentro dessa concepção, pode-se notar a existência do que poderíamos chamar de duas correntes de “artes poéticas”: a que está mais focada em formular uma regra geral para a produção da poesia e, portanto, dá mais valor à sua definição, o que se denomina arte prescritiva, e a que dá mais ênfase à sua discussão, ou seja, a arte descritiva.

Discutir os aspectos prescritivos da poesia de Drummond, não significa que o poeta segue cegamente um determinado cânone, e nem que não possua aspectos descritivos em seu trabalho, pois a sua poesia é sedimentada por uma mistura de estilos, em que se combinam o elevado e o banal, o grave e o grotesco, pela aplicação da linguagem vulgar a assuntos sérios e vice-versa, bem como pela renovação da temática existencial. No entanto, neste trabalho focamos os aspectos eminentemente prescritivos de algumas poesias.

#### A POÉTICA PRESCRITIVA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Drummond busca novos registros para temas como o tempo, o amor e a morte, pela elaboração de imagens surpreendentes, envolvimento do escritor nas questões sociais e, muitas vezes, pela reflexão da poesia sobre a própria poesia. Essa metapoética drummondiana, como buscamos demonstrar nos metapoemas “Consideração do poema” e “Procura da poesia”, encontra-se, na maioria das vezes, intrinsecamente relacionada à confessada luta do escritor com as palavras, na busca de expressão, o que já se mostra desde os primeiros versos de “Procura da Poesia”:

Não faça versos sobre acontecimentos.  
Não há criação nem morte perante a poesia.  
Diante dela, a vida é um sol estático,  
não aquece nem ilumina.  
As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.  
Não faça poesia com o corpo,  
esse excelente, completo e confortável corpo, tão infenso à efusão lírica (PP)<sup>2</sup>

A poesia se apresenta em sua negatividade, ou seja, como não se deve fazer poesia, não se deve utilizar temas cotidianos na sua criação, podendo parecer, para aquele a quem a poesia drummondiana não é familiar, que tal prescrição é um convite para não se escrever sobre a cotidianidade. No entanto, a obra de Drummond, assim como toda poesia moderna, traz um forte apelo à utilização de

temas do dia-a-dia e da expressão verbal cotidiana que é transcrita para o plano das artes. Portanto, o que o poeta mineiro quer deixar claro, é que a simples emoção que as coisas do dia-a-dia podem evocar no chamado poeta, ou seja, o simples falar das coisas do cotidiano, um falar sem estar sendo regido pelo método, não pode ser confundido com a verdadeira poesia.

Essa negativa de assumir um mero fato cotidiano como poesia também se apresenta como um elemento da mais profunda importância, pois a “cotidianidade” em Drummond, não significa de forma alguma que o sublime e o patético devam andar sempre juntos como se fosse uma regra geral, pois estas emoções tão reais, tão “miméticas”, não são uma garantia para se atingir o sublime:

Tua gota de bile, tua careta de gozo ou dor no escuro  
são indiferentes.  
Não me reveles teus sentimentos,  
que se prevalecem de equívoco e tentam a longa viagem.  
O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia (PP).

Para Antonio Candido, existe uma mistura perfeita entre o sublime e o patético no trabalho poético drummondiano, o que possibilita que em seus versos o lugar comum se torne uma revelação. Para Drummond, a experiência não é autêntica em si, mas na medida em que pode ser refeita no universo do verbo. A idéia só existe como palavra, porque só recebe vida, isto é, significado, graças à escolha de uma palavra que a designa e à posição desta na estrutura do poema.

O trabalho poético produz uma espécie de volta ou refluxo da palavra sobre a idéia, que então ganha uma segunda natureza, uma segunda inteligibilidade. Tanto assim, que o poema é geralmente feito com o lugar-comum: “Nas mãos do poeta o lugar-comum se torna revelação, graças à palavra na qual se encarnou” (CANDIDO, 2004, p. 92).

Uma pedra no meio do caminho  
ou apenas um rastro, não importa.  
Estes poetas são meus.  
[...] São todos meus irmãos, não são jornais  
nem deslizar de lancha entre camélias:  
é toda a minha vida que joguei. (CP)

Drummond ainda vai falar sobre a “mesmice” do pensamento, uma espécie de escravidão do pensamento: “[...] o pensamento consciente não faz parte

propriamente da existência individual do homem, mas antes daquilo que nele é natureza de comunidade e de rebanho” (NIETZSCHE, 2001, p. 201).

Não cantes tua cidade, deixa-a em paz.  
O canto não é o movimento das máquinas nem o segredo das casas.  
Não é música ouvida de passagem, rumor do mar nas ruas junto à linha  
de espuma (PP).

Assim, para Drummond, a “mesmice” do lugar-comum deve aparecer como algo novo dentro de uma poesia; este deve ser enunciado de uma forma muito mais clara e renovadora, como o instrumento de luta que mostra o seu posicionamento no mundo e na arte, e a sua função social:

Estes poemas são meus. É minha terra  
e é ainda mais do que ela. É qualquer homem  
ao meio-dia em qualquer praça. É a lanterna  
em qualquer estalagem, se ainda as há.  
– Há mortos? há mercados? há doenças?  
É tudo meu. Ser explosivo, sem fronteiras,  
por que falsa mesquinhez me rasgaria?  
Que se depositem os beijos na face branca, nas principiantes rugas.  
O beijo ainda é um sinal, perdido embora,  
da ausência de comércio,  
boiando em tempos sujos (CP).

Nessa passagem temos de um lado, as palavras – e com elas, as idéias, a tradição poética, as teorias, o pensamento; de outro, as coisas, isto é, os elementos que se conectam com o real, sentimentos, paixões, os objetos do cotidiano. “Drummond escreve entre um ‘Eu todo retorcido’ e a busca de um ‘sentimento do mundo’. Assim é a poesia de Drummond, em dupla face, uma coisa e ao mesmo tempo seu contrário”. (CASTELLO, 2007, p. 195)

Nessa perspectiva, a poesia não pode ser criada apenas a partir de uma das variáveis mencionadas. Não se constrói só com o dom, nem tampouco só com o método, mas sim com o perfeito trabalho de harmonização entre ambos; ou, como nos ensina Drummond, na eterna luta entre a emoção e a razão, no conflito, na ambiguidade, numa guerra contínua, que acaba por partir o poeta ao meio:

O canto não é a natureza  
nem os homens em sociedade.  
Para ele, chuva e noite, fadiga e esperança nada significam.  
A poesia (não tires poesia das coisas)  
elide sujeito e objeto.

Para Drummond, a poesia não pode ser vista como finalidade, como mero atributo circunstancial: “Não acho que a poesia seja meio para se comunicar qualquer coisa, senão que ela própria é algo que se comunica” (DRUMMOND apud SANT’ANNA, 1992, p. 195). Seguindo esse raciocínio, em torno de uma poesia definida como a própria “poesia”, pode-se ainda constatar que existe a fusão do sujeito e objeto proposta por Drummond que elimina toda a possibilidade de uma leitura objetiva da sua poesia, pois o poeta coloca o leitor dentro do texto, que assim é obrigado (atravessado) pelo poema. Assim compreendido, a poesia é uma procura que se realiza enquanto a própria procura.

Já agora te sigo a toda parte,  
e te desejo e te perco, estou completo,  
me destino, me faço tão sublime,  
tão natural e cheio de segredos,  
tão firme, tão fiel... Tal uma lâmina,  
o povo, meu poema, te atravessa. (CP)

Drummond ainda critica o lirismo exacerbado e o uso excessivo da linguagem figurada e rebuscada:

Não dramatizes, não invoques,  
não indagues. Não percas tempo em mentir.  
Não te aborreças.  
Teu iate de marfim, teu sapato de diamante,  
Vossas mazurcas e abusões, vossos esqueletos de família  
desaparecem na curva do tempo, é algo imprestável.

Uma crítica que encontra eco no poema *Poética*, de Manuel Bandeira:

Estou farto do lirismo comedido  
Do lirismo bem comportado  
Do lirismo funcionário publico com livro de ponto  
expediente protocolo e manifestação  
de apreço ao Sr. Diretor. (BANDEIRA, 1961, p. 71).

Nesse direcionamento, para Drummond, mais do que a grandiloquência, a poesia está relacionada à destruição, ao tempo “corrosivo”, a uma consciência espaço-temporal que vê a incapacidade de parar o tempo:

Como fugir ao mínimo objeto  
ou recusar-se ao grande? Os temas passam,  
eu sei que passarão, mas tu resistes,  
e cresces como fogo, como casa,  
como orvalho entre dedos,  
na grama, que repousam.

Assim, se Drummond alerta para os perigos da insuficiência poética em relação aos assuntos a serem abordados e da profunda necessidade do dom, o poeta também mostra o seu traço definidor, que a poeticidade propriamente dita, radica no nível material, e sua específica manipulação **no** “reino das palavras”:

Penetra surdamente no reino das palavras.  
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.  
Estão paralisados, mas não há desespero,  
há calma e frescura na superfície intacta.  
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.

Nessa estrofe encontramos um paradoxo, pois se as palavras estão mudas, o poeta está surdo e não há nenhum movimento, como se pode “colher” os poemas que repousam calma e frescamente? Para Antonio Candido (2004, p.92), a solução está na inspiração. O trabalho necessário a isto é grande parte do que chamamos inspiração. Consiste na capacidade de manipular as palavras neutras, “em estado de dicionário” (que podem servir para compor uma frase técnica, uma indicação prática ou um verso) e quebrar o seu estado de neutralidade pelo discernimento do sentido que adquirem quando combinadas, segundo uma sintaxe especial. Inicialmente, é preciso rejeitar os sistemas convencionais, que limitam e mesmo esterilizam a descoberta dos sentidos possíveis.

Dessa forma, Drummond mostra a importância da imaginação na utilização das palavras em suas relações umas com as outras, a necessidade de se ordenar estruturas e de se associar vocábulos que transformam o lugar-comum em revelação, o que, segundo Candido, faz com que se perceba que a germinação do poema como um todo é o que guia o leitor nessa aventura órfica:

[...] o poema é, para além das palavras, uma conquista do inexprimível que elas não contêm e diante do qual devem capitular, mas que pode manifestar-se como sugestão misteriosa nas ressonâncias que elas despertam, uma vez combinadas adequadamente; e que, indo perder-se nas áreas de silêncio que as cercam e se insinuam entre elas, são uma propriedade do poema no seu todo. A obsessão mallarmeana da palavra como violação de um estado absoluto, que seria a não-palavra, a página branca, mas que ao

mesmo tempo é nosso único recurso para o naufrágio no nada, se insinua neste poema decisivo e explica o recolhimento, a cautela com que o poeta segue na busca do equilíbrio precário e maravilhoso, o arranjo da estrutura poética, que só pode ser obtido ao fim de um empenho de toda a personalidade. (CANDIDO, 2004, p. 93).

Além disso, para se obter essa forma no espaço – a configuração objetiva que encerra o sentido global também exige que cada palavra seja escolhida, entre tantas outras possibilidades de metáforas (o poeta tem que se ver frente a frente às mil faces das palavras), e incluída dentro da cadeia sintagmática do poema; numa combinação perfeita entre o dom e método, pois como entidades isoladas, as palavras espreitam o poeta e podem armar-lhe tocaias. Ele então as propicia, renunciando ao sentimento bruto, à grafia espontânea da emoção, que arrisca confundi-las num jorro indiscriminado; elas capitulam e deixam-se colher na rede que as organizará na unidade total do poema. Obra difícil, perigosa, pois essa exploração depende da sabedoria do poeta, único juiz no ato de arranjá-las. (CANDIDO, 2004, p. 94).

Não rimarei a palavra sono  
com a incorrespondente palavra outono.  
Rimarei com a palavra carne  
ou qualquer outra, que todas me convêm.  
As palavras não nascem amarradas,  
elas saltam, se beijam, se dissolvem,  
no céu livre por vezes um desenho,  
são puras, largas, autênticas, indevassáveis.

Assim, Drummond não faz uma rima simples, como geralmente é esperado num poema, e sim uma palavra que traz em si a vida, o movimento. A poesia é frágil e relativa, pois as palavras estão prontas a cada instante para escapar ao comando, se dissolvem e se recolherem à ausência de significado poético, pois são autênticas e indevassáveis.

A mesma idéia de que as palavras são de difícil acesso aparece nos versos finais de A procura da poesia onde Drummond apresenta em forma de um fio tênue o que separa a conquista de um espaço elegantemente preenchido pelas palavras e a frieza de palavras ermas de melodia e conceito

Repara:  
ermas de melodia e conceito  
elas se refugiam na noite, as palavras.  
Ainda úmidas e impregnadas de sono,  
rolam num rio difícil e se transformam em desprezo.

## CONCLUSÃO

De uma forma geral, pode-se afirmar que as idéias prescritivas contidas nas poéticas de Drummond podem contribuir, sobremaneira, não só para o entendimento da importância da poesia – nos seus aspectos culturais, sociais, e por que não dizer existenciais %, como também para fazer um alerta aos poetas pós-modernos da fundamental importância da dialética entre o dom e o método. Enfim, a arte poética de Drummond parece trazer em seu cerne a seguinte mensagem: “Uma nova altivez ensinou-me o meu eu, e eu a ensino aos homens: não mais enfiar a cabeça na areia das coisas celestes, mas sim, trazê-la erguida e livre, uma cabeça terrena, que cria o sentido da terra. [...]. Assim falou Zaratustra” (NIETZSCHE, s/d, p. 49).

## NOTAS

<sup>1</sup> Doutorando em Literatura – UFPR luizzanotti@terra.com.br.

<sup>2</sup> Todas as **citações** das poesias analisadas serão feitas pelas iniciais do seu título, ou seja *Procura da Poesia* (PP) e *Consideração do poema* (CP).

## REFERÊNCIAS

AGUILLERA, Maria Verônica. *Carlos Drummond de Andrade: a poética do cotidiano*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2002.

BANDEIRA, Manuel. *Antologia*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1961.

BOSI, Alfredo. *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática, 2003.

BRAYNER, Sonia (org). *Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978.

CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Duas cidades, 2004.

COSTA LIMA, Luiz. *Lira e anti-lira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *A rosa do povo*. São Paulo: Record, 1984.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. São Paulo: Clube do Livro. s/d.

\_\_\_\_\_. *Gaia Ciência*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. *Drummond: o Gauche no tempo*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

**Texto recebido em: 20.07.2009**

**Texto aprovado para publicação em 10.10.2009**